



A TRAJETÓRIA DE UM HERÓI ESPANHOL: REPRESENTAÇÕES DE MIO CID

Gabrielly Aparecida Araujo¹
Katia Aparecida da Silva Oliveira²

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivos principais o estabelecimento de um estudo comparativo entre uma mesma personagem, o herói Mio Cid, em duas grandes obras da literatura espanhola, *El Cantar de Mio Cid* e o *Romancero Viejo*, com o intuito de analisar e identificar de que maneira ela se transforma no decorrer dos séculos. Foram analisados alguns romances selecionados do *Romancero Viejo* com a temática do herói Mio Cid, juntamente com o Cid representado no *Cantar*, de forma que fosse possível estabelecer comparações decorrentes das representações da personagem em ambos os textos, observando as distinções e semelhanças que se estabelecem na sua construção. Com isso, pretende-se verificar como se deu a transformação da personagem no decorrer do final do século XIII, época que caracteriza a Idade Média espanhola, até o começo do Renascimento, já no século XV. Também se pretende conhecer de que maneira a época, juntamente com suas ideologias mais representativas, considerando ainda fatores como elementos sociais, históricos e culturais, interferem no momento de construção do texto. Ao final do estudo, espera-se reconhecer que a personagem Mio Cid recebe um tratamento literário e histórico que o adapta ao momento em que é representado literariamente, sendo, assim, uma espécie de reflexo do homem "espanhol" de diferentes épocas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura medieval, Mio Cid, Romancero.

ABSTRACT: This work has as main objective the establishment of a comparative study of the same character, the Mio Cid hero in two great works of Spanish literature, *El Cantar de Mio Cid* and the *Romancero Viejo*, aiming to analyze and identify that way she turns over the centuries. Been analyzed some selected romances from *Romancero Viejo* with the theme of Mio Cid hero, along with Cid represented in *Cantar*, so it was possible to draw comparisons arising from the character of the representations in both texts, noting the distinctions and similarities that are established in their construction. With this, we intend to verify how was the transformation of the character during the late XIII century, a time that characterizes the Spanish Middle Ages until the beginning of the Renaissance, since the XV century. Also intend to to know how the time, along with their most representative ideologies, also considering factors such as social, historical and cultural elements, interfere with the text of the construction time. At the end of the study, expected to be recognized that the Mio Cid character receives a literary and historical treatment

that fits the moment is represented literary, and thus a sort of reflection of the man "Spanish" from different eras.

KEYWORDS: medieval literature, Mio Cid, Romancero.

INTRODUÇÃO

O *Cantar de Mio Cid* é uma das obras fundadoras da literatura espanhola. Essa épica, surgida no século XII, conta a trajetória de um dos maiores heróis para o país. Construída de maneira inovadora, esta epopeia apresentará personagens influenciados ideologicamente pela época e pelas ideologias religiosas e da monarquia vigente. Além disso, destoará das épicas clássicas, sendo revolucionária nas características que possui e na objetividade histórica que retrata.

O herói retratado no *Cantar* é Mio Cid, um cavaleiro desterrado que passa a buscar o perdão real por meio da retomada de territórios espanhóis que estavam dominados por mouros. Com o desenrolar de sua jornada, conhecemos sua vida em todos os aspectos e podemos acompanhar a estruturação da personagem. Além disso, Cid como personagem não esteve restrito ao *Cantar*; posteriormente foi retomado em uma série de *romances* que também retratavam a história do herói espanhol, porém tendo outro panorama histórico-cultural como contexto.

Assim, este trabalho desenvolveu um estudo sobre o referido personagem, dando ênfase à sua transformação no passar dos anos. Para isso, foram analisadas as duas obras, *El Cantar de Mio Cid* e alguns poemas do *Romancero Viejo*. Por fim, foi feita uma comparação entre ambas as representações estudadas, que enfocou os pontos principais de cada texto e buscou relacionar as mudanças na construção e desconstrução do protagonista com as ideologias da época onde cada obra foi redigida.

MIO CID HISTÓRICO E LITERÁRIO

A personagem principal da obra *El Cantar de Mio Cid*, o herói Mio Cid, é uma personagem importante não só dentro da literatura espanhola, como também da história da Espanha, uma vez que permanece sendo uma das maiores representações de heroicidade do país. A inspiração para a criação do herói literário partiu da existência de um cavaleiro histórico espanhol que viveu por volta do século XI. Seu nome era Rodrigo Díaz de Vivar, porém era mais conhecido por Cid campeador, alcunha que vinha do árabe "sidi = senhor e do latim *campi doctor* = dono do campo de batalha" (GONZÁLEZ, 2010, p. 102).

O Cid histórico pertencia a uma família de baixa nobreza que vivia ao norte da cidade de Castela. Acredita-se que desde muito jovem atuava na corte do rei Fernando I, ao lado de Sancho, um dos príncipes herdeiros. Com a morte do rei, em 1065, ele é impelido a entrar na guerra que veio a acontecer em decorrência das divisões territoriais estabelecidas por Fernando I a seus sucessores, que ficaram insatisfeitos com as respectivas possessões.

Nesse contexto, Rodrigo luta em favor de Sancho, porém este último é assassinado e seu irmão, Alfonso, apodera-se de seu território. Assim, da posição de destaque que obtinha sob o poder de Sancho, o herói passa ao segundo plano sob o domínio do novo rei. "O monarca, no entanto, prestigiou o Cid, casando-o, em 1074, com sua prima Jimena, neta do rei Alfonso V de Leão. Em 1079, o rei confiou ao Cid a cobrança dos impostos devidos pelo rei mouro de Sevilha" (GONZÁLEZ, 2010, p. 103). Em tal ocasião, as tropas de Rodrigo foram atacadas pelos mouros em conjunto com as tropas de García Ordóñez, porém estes últimos perderam o embate e Ordóñez ficou sob custódia do Cid por três dias, indo em seguida se queixar com Alfonso. Esta missão ainda serviu para que se propagassem boatos sobre o Cid ter ficado com uma parcela dos impostos cobrados.

Em 1081, Rodrigo ataca uma tropa aliada de seu rei e por isso é desterrado. Alguns vassallos decidem segui-lo e viajam primeiramente à Barcelona, e em seguida à Saragoça. Por sua vez, Alfonso, que invadira Toledo, percebeu que o Cid era de grande valor e resolveu perdoá-lo em função de seu apoio contra a ameaça dos almorávidas. O Cid, entretanto, retorna a Saragoça e empreende esforços contra os mouros da região de Levante. Em 1089, em razão da demora do Cid ao retornar, Alfonso o desterra novamente. Neste momento, Rodrigo intensifica sua campanha de Valência e, quando o rei mouro morre em 1093, ele sitia a cidade, que vem a render-se em 1094. O Cid morre em 1099 e Valência só é dominada pelos cristãos em 1236.

Ainda sobre Rodrigo Díaz de Vivar, Díaz-Paja (1956), irá afirmar que o Cid histórico era "*un personaje característico de la Castilla medieval, heroico y generoso, que siente la lucha como una parte de su vida*" (p. 26). Ou seja, o próprio herói Rodrigo era, em si mesmo, segundo o autor, um ajuntamento de características que o distinguiam como um exemplar perfeito da sociedade espanhola, tornando-se um modelo a ser seguido.

A partir dessa afirmação, percebe-se que alguns dos aspectos que povoam as descrições do herói castelhano são semelhantes aos presentes na construção da personagem literária. Assim, é possível afirmar que temos vários elementos que aproximam a personagem ficcional da histórica.

De fato, o início da épic se dá com o desterro do cavaleiro por seu rei. Acredita-se que algumas folhas no começo do códice se perderam e com elas o motivo do desterro do herói literário, “isto é, a acusação do conde García Ordóñez – motivada pela inveja – de que o Cid ficara com tributos cobrados do rei de Sevilha em nome do rei Alfonso” (GONZÁLEZ, 2010, p. 104).

Sendo desterrado o Cid se despede de sua mulher Jimena em Burgos e segue viagem para fora de Castela, onde conquista muitas batalhas sobre mouros e derrota o conde de Barcelona. É importante mencionar que, diante das pilhagens conseguidas em suas aventuras, Mio Cid sempre selecionará uma parte delas em prol de seu rei, pois pretendia, com elas, obter o perdão real.

A continuação, o Cid conquista a cidade de Valência, que estava em poder dos aos muçulmanos. O rei Alfonso, então, liberta sua esposa e suas filhas, que vão ao encontro do herói. “O enriquecimento do Cid leva dois nobres leoneses, os infantes de Carrión, a pedirem ao rei a mão das filhas do Cid. O rei, ao mesmo tempo em que perdoa Rodrigo, transmite o pedido” (GONZÁLEZ, 2010, p. 105).

Depois da celebração do casamento, os infantes permanecem em Valência, onde se conhece, posteriormente, sua covardia. Eles são ridicularizados, e por isso decidem vingar-se em suas esposas. Os infantes partem para Carrión com as filhas do herói, porém, no meio do caminho as machucam e as abandonam. Quando toma consentimento disso, o Cid exige um julgamento que puna os dois nobres, que vem a acontecer em Toledo, onde ambos são despojados de seus bens e riquezas. As filhas do Cid se casam novamente e o poema termina com a morte do herói.

O Cid como personagem permanece vivo na tradição oral medieval e é figura recorrente nos *romances* memorizados nesse momento. Os *romances* formaram um gênero que nasce da fragmentação das epopeias e apresentaram uma grande quantidade de temas que variarão entre as narrativas heroicas até poemas românticos e religiosos.

Dessa maneira, a personagem heroica acaba figurando uma série de *romances* registrados no *Romancero Viejo*, uma obra extensa e bastante complexa, de cujo conteúdo tratará sobre os mais diversificados momentos da vida do herói, o que proporciona novas perspectivas e interpretações para ele. Assim, nos *romances*, a personagem Cid também terá sua vida retratada, porém de maneira fragmentaria, característica própria do gênero. A história do herói seguirá os padrões estabelecidos na epopeia, sem grandes mudanças no argumento principal.

Para este trabalho foram selecionados sete romances. O primeiro é o *Romance del Cid y los condes de Carrión*; o segundo é conhecido como *Romance del Cid*; o terceiro foi o *romance trece*, que começa com os versos “*iAfuera, afuera*,

Rodrigo, // el soberbio castellano!". O quarto *romance* trata de como Cid mandou que seus vassalos buscassem sua mulher e suas filhas em Castela, e começa com os versos "*Partíos dende, los moros, // vuestros muertos soterrad*". O quinto *romance* escolhido, por sua vez, é conhecido como o "Pavor de los condes de Carrión". O sexto *romance* tratará sobre a traição dos Condes e sua afronta às filhas do Cid, e se inicia com os versos "*De concierto estan los Condes // Hermanos Diego y Fernando*", e o sétimo e último *romance* falará sobre a cobrança de impostos instituída ao herói e tem como versos primeiros "*Por el val de las Estacas // Pasó el Cid al mediodía*".

ANÁLISE COMPARATIVA DA PERSONAGEM NAS OBRAS

A partir das características analisadas sobre a representação do herói Mio Cid na épica castelhana *El Cantar de Mio Cid* e em determinados *romances* do *Romancero Viejo* que também tratavam sobre o Cid, tornou-se possível estabelecer um estudo comparativo que considere as principais diferenças e semelhanças na representação do Cid nas duas obras. Através dessa análise foi possível verificar de que maneira a personagem é retratada nas obras e como se transformou, e considerar como incorporou valores inerentes ao período em que cada texto surgiu, uma vez que as personagens aqui estudadas foram frutos de épocas diferentes.

Assim, serão apresentadas análises centradas em alguns aspectos recorrentes nas duas obras e que, na maior parte dos casos, são destoantes. Tais aspectos foram considerados os mais significativos para uma análise contrastiva centrada em ambas as representações, já que possibilitam vislumbrar principalmente as diferenças entre as construções das personagens nos diferentes momentos em que foram produzidas as obras.

Primeiramente, faz-se necessário contextualizar as épocas onde foram escritas cada obra. A epopeia, *El Cantar*, foi construída em plena Idade Média com todos os seus ideais religiosos, seu empenho em propagar a moral cristã e as batalhas dos cavaleiros medievais. Já os *romances* foram idealizados ao final da Idade Média, e só publicados no Renascimento espanhol, movimento que deu lugar a doutrinas individualistas, críticas e autônomas (que viriam, décadas depois, a concretizar o Iluminismo).

O primeiro aspecto evidenciado em nossa análise da personagem Cid é a humanização do herói. Na épica medieval, encontramos um Cid com especificidades que o aproximam do homem comum, que padece de sentimentos e conhece a frivolidade da vida. Assim, a construção do herói épico enaltece todas as características que fazem desta personagem uma figura realista e humanizada e cuja formação é

equivalente à do mais corriqueiro dos homens. Mio Cid é representado, portanto, como um exemplo de ser humano normal, que se entristece, enraivece, amedronta ou alegre, e que é suscetível à suas emoções.

Esta humanização da personagem influenciará diretamente nos fatos narrados na obra, uma vez que, ao contrário de outros heróis, o Cid se envolverá na vida cotidiana e familiar, e em situações verossímeis no que se refere à vida no século XII, o que resultará em uma obra mais pessoal e com mais aspectos subjetivos.

Por sua vez, nos *romances*, encontramos a subjetividade humana representada de maneira muito mais sutil e menos explícita que no *Cantar*. Nesta manifestação literária, a personagem tem sua construção bastante semelhante à existente nas épicas clássicas, onde os heróis são seres superiores ao restante da humanidade. Ou seja, ele apresenta características como servidão e a submissão ao seu senhor, atitudes obrigatórias à sua classe social, porém, diferente do Cid épico, seus sentimentos e emoções não interferem em suas decisões.

Embora durante a análise de um dos *romances* tenha se encontrado um episódio que poderia associar-se ao amor, vê-se apenas a simples menção a uma flecha que transpassa o coração do herói: “*Afuera, afuera los míos, // Los de a pie y de a caballo, // Pues de aquella torre mocha // Una vira me han tirado: // No traía el asta de hierro, // El corazón me ha pasado;*” (ANÓNIMO, s/d, *apud* DÍAZ-MASS, 2008, p. 64). O trecho se faz ambíguo quando torna impossível afirmar que se trata ou não de uma manifestação de sentimentos por parte do herói, uma vez que poderia representar somente a expressão de um desejo sexual, instintivo, não um sentimento complexo. O que se pode afirmar é que os elementos carregados de subjetividade são bastante escassos nos *romances*, o que reafirma a superioridade do herói diante situações e sensações humanas banais.

De fato, Rodríguez Puértolas (1992) irá afirmar que as personagens do *Romancero* são apresentadas com mais frieza e que isso se deve à natureza fragmentaria e conflituosa pela qual passava a época. A estrutura desses poemas, inclusive, também sofreu influências relacionadas à crise presente neste tempo, como explicita o autor:

Que, en conjunto, los personajes del romancero son presentados fríamente, como seres aislados, conflictivos, acechados por toda clase de incomunicación, tanto con la Naturaleza como con los otros hombres –y sin duda consigo mismos, muchas veces – resulta evidente por todo lo visto hasta aquí. Se trata, en fin, de héroes fragmentados, producto de un universo también atomizado. Por ello y visto así, una de las características más inquietantes del romancero, el fragmentarismo formal, la preferencia por versiones más breves, cortadas brutalmente en un final auténticamente

dramático, en el que se han eliminado detalles superfluos (...) no responde a una mera coincidencia ni tampoco puede explicarse únicamente acudiendo a los habituales criterios positivistas. (RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, 1992, p. 131-132)

Contextualizando brevemente a situação histórica, localizamos a construção dos *romances* ao final da Idade média e no início do Renascimento. Isso aponta diretamente para estruturação de personagens mais autônomos com relação às ideologias impostas pela igreja e pelo governo, já que nesse momento o pensamento medieval entra em crise, abrindo espaço para uma visão do homem mais centrada nele mesmo, mais individualista. O homem já não se sente completo em relação a si, ao mundo e à religião e, a visão crítica que começa a se constituir cria uma ideia fragmentária da realidade, que se reflete na literatura.

Podemos, assim, tomar a figura de Mio Cid representada nos *romances* como exemplo de fragmentação principalmente se nos atentamos para sua personalidade individualista. A estrutura também está de acordo com a desintegração da época, já que apresenta características como concisão e poemas *em media res*.

Outro elemento importante, comum às duas obras, e que se configura diferentemente nelas, são os valores da personagem, tais como a honra, a lealdade e a justiça. Inicialmente, temos na épica, a barba representando a força, a virilidade e a ferocidade do Cid. Ele se constitui como um homem vigoroso “*que siente la lucha como una parte de su vida*” (DÍAZ-PLAJA, 1956, p. 26) e sua barba traduz todos os anos de luta e de vitórias em batalhas. A barba ainda é sinônimo de honra, um valor extremamente importante na Idade Média e que permeia toda epopeia castelhana. Ou seja, o apreço do Cid pela barba demonstra sua integridade e evidencia uma personagem de grandes princípios e condutas.

Por esses motivos, Rodríguez Puértolas (1992) irá afirmar que “*en el Cid del poema se representan armónicamente todas las virtudes y valores caballerescos*” (p. 33). Isto é, os princípios cultivados pelo Cid épico, são os que determinam o cavaleiro medieval em sua essência, e ele se torna o exemplo de perfeição a ser seguido, já que possui todo o conjunto de condutas necessárias para tanto.

Nos *romances*, a personagem também aparece como um homem robusto e viril, porém sua caracterização é muito mais ofensiva que no *Cantar*. Ou seja, na épica ele se faz forte e destemido, porém sua humanidade, humildade e virtudes não lhe permitem esquecer-se de sua posição, e por isso ele é sempre um homem respeitoso e justo para com todos. Já no *Romancero*, sua virilidade aponta para a hostilidade e para a agressividade, aspectos que o fazem se opor até mesmo ao rei vigente.

Ainda quanto aos valores, temos a presença da lealdade em ambas as

representações. Primeiramente, na epopeia, vemos um Cid extremamente leal e fiel ao rei, à família, aos ideais cristãos e até mesmo a seus vassalos. Observam-se na obra várias passagens onde os desígnios reais se colocam como muito mais importantes que os próprios e, inclusive ao ser desterrado, o herói acata de boa vontade as ordens do rei.

Entretanto, nos *romances*, a personagem demonstra ser leal e fiel de maneira distinta. Já se tem conhecimento do caráter reservado e crítico de Mio Cid perante as regras de seu mundo. Dessa forma, o herói está sempre em constante questionamento e vemos que sua lealdade está em sua própria ideologia e princípios. Quando mata o pai de Jimena Gómez, o faz porque seus pais tinham entre si um conflito e ele crê que precisa se vingar. Ao mesmo tempo, quando o rei o sentencia a casar-se com a filha do homem que matara, ele apenas concorda porque seu pai interfere e porque sua honra estaria comprometida caso se negasse.

Por sua vez, com relação à fidelidade e lealdade inspirada pelo herói em seus vassalos, vemos que as duas representações suscitam a honestidade cega das pessoas que estão a sua volta. Como bem exemplificado na fala de DÍAZ-MAS (2006, p. 82): “*Los que antes eran séquito de Diego Laínez son ahora mesnadas de Rodrigo*”. Portanto, evidencia-se a mudança de senhorio, já que todas as tropas o acompanham quando Cid se opõe ao rei e, conseqüentemente, a todo sistema governamental de sua época.

Pode-se considerar que toda essa brutalidade e rebeldia são reflexos de uma sociedade permeada de adversidades e que coloca o indivíduo em constante combate consigo mesmo e com os outros. O momento histórico auxilia nessas peculiaridades por trabalhar questionamentos sobre o mundo e a religião, que se defronta com todas as crenças e valores daquela sociedade.

Da mesma maneira, sua relação com a honra se coloca de acordo com suas crenças e com sua posição. Isto é, ele honrará seus ideais e lutará por eles. Com relação à sua posição, ele é um homem honrado pelo lugar que ocupa na corte, já que todos reconhecem seu valor, inclusive a filha do rei, Urraca. Na épica, entretanto, a honra é constituída pela integridade, por sua nobreza e retidão, ou seja, pelo *honor stricto sensu*. Seu caráter segue as virtudes que um cidadão espanhol deveria possuir.

Ainda sobre a honra, é importante mencionar que tal valor, ao ser pensado através do relacionamento com os soberanos e superiores de Mio Cid, constitui-se, na épica, em uma virtude cultivada e constantemente buscada pelo herói em toda sua jornada:

Apesar de ter sido condenado injustamente, Rodrigo não assume em nenhum momento uma atitude de revolta contra o rei castelhano, submete-se a sua vontade, e, despojado

de bens e dignidade, se encaminha para o desterro abatido pelas incertezas sobre o seu futuro e a possibilidade de retornar a Castela. (INFANTE, 2014, p. 217-218)

Dessa forma, o herói não se revolta com a sentença, porém se coloca triste e resignado. A partir daí, surge a necessidade de buscar tão incansavelmente a honra perdida, sem deixar, no entanto, de obedecer a nenhuma palavra de Alfonso durante toda a obra. É assim que se firma a honra na epopeia: através de atitudes humildes que beiram à submissão, e através do conjunto de valores almejados pela sociedade.

Nos *romances*, por sua vez, a ideia de honra aparece com acepções muito mais voltadas à obrigação e à servidão, o que poderia não caracterizar a consagração dos valores medievais (em evidente transição), mas sim submissão à sua imposição. Assim, o Cid dos *romances* não possui o mesmo ideal de cavaleiro do início da Idade Média, mostrando-se mais rebelde e defensor de sua autonomia e individualidade.

Um tema bastante interessante é a questão religiosa nas duas obras. Enquanto na épica, o elemento religioso obtém um grande espaço na construção da narrativa e da personagem, nos *romances* ele ocupa um lugar marginalizado, de tal forma que não vemos nenhuma alusão à importância da vida religiosa.

Na epopeia, as personagens são “figuras modelares apresentadas nas crônicas medievais” que sempre “preocuparam-se em ser virtuosas e trabalharam arduamente para seguir a moral cristã” (VEYNE, 1984, 29 *apud* ALMEIDA, 2011, p. 4). Ou seja, a personagem medieval irá exaltar os valores da igreja, de modo a adotá-la como representação máxima de seus próprios ideais. Além disso, *El Cantar de Mio Cid* apresenta alguns elementos do cristianismo professado pela Igreja católica, fator que também não existe no *Romancero*:

Ao longo do texto são constantes as evocações a Deus, à Virgem Maria e a Santiago, guardiães da causa; bem como as alusões à luta contra os mouros como uma manifestação da vontade divina; há também a figura do sacerdote militar, o bispo Jerônimo; essas e outras referências conferem ao poema uma atmosfera religiosa e à atividade bélica de Rodrigo uma aura santa. Ainda que, sob a bandeira religiosa, manifeste-se o desejo pelo butim, pela riqueza e pelo poder, os propósitos de Mio Cid são elevados e se concretizam na guerra contra os inimigos da cristandade. (INFANTE, 2014, p. 221-222)

Por sua vez, o *romance* é, geralmente, um gênero que não aborda questões religiosas, pelo que os teóricos o chamam de “gênero laico”. Sua relação é muito mais estreita com os mistérios e o poder naturais:

El romancero es, prácticamente en bloque, un género laico, arreligioso incluso, en que las relaciones del hombre con Dios han sido substituidas por las relaciones con la Naturaleza, pero con una Naturaleza que, ya en primer plano, posee fuerza por sí misma, no es un mero escenario (...), no es fácilmente comprensible ni mucho menos dominable, y de la cual forman parte tanto fenómenos sensoriales perceptibles como otros dificultosamente discernibles. (RODRÍGUEZ PUERTOLAS, 1992, p. 26)

Ou seja, os *romances* não conterão em sua estrutura elementos religiosos como os presentes na épica, por sua inserção em um mundo fragmentado e novo, que levou o homem a pensar mais em sua própria existência, e, por conseguinte, a questioná-la.

A maneira como a personagem se relaciona familiarmente também é distinta nos textos. Nos *romances*, o herói, como já foi dito, se mostra mais semelhante às construções heroicas clássicas, o que faz dele um homem mais rígido e severo. Portanto, as demonstrações de afeto dedicadas pelo Cid à sua família se não são nulas, são extremamente raras.

Exemplificamos essa particularidade a seguir, com um trecho no qual ele chora ao se despedir das filhas. Entretanto, pode-se perceber que este sentimento não ocorre em função delas, e sim pelo fato de desconfiar de uma possível traição de seus genros, os infantes de Carrión:

Por espacio de una legua
el Cid los ha acompañado;
cuando dellas se despide,
lágrimas le van saltando.
Como hombre que ya sospecha
la gran traición que han armado,
llamó a su sobrino Ordoño,
y en secreto le ha mandado
que vaya tras de los condes
cubierto y disimulado. (ANÓNIMO, s/d, s/p)

Já na épica, a relação familiar é muito mais complexa, pois o herói se esforça para manter a família próxima e para honrá-la em todos os momentos possíveis. Ele assume o seu lugar na vida familiar e vive os momentos domésticos como qualquer outro homem simples de seu tempo viveria.

Outro valor extremamente relevante nas duas obras é a coragem, e sua construção em ambas é feita de maneira bastante similar, coincidindo na maioria dos

pontos. Assim, a coragem é outro dos fatores que auxiliam na edificação da personagem. No *Cantar de Mio Cid*, vemos um herói disposto a batalhar, orgulhoso, bravo e cuja ousadia excede em muito a prudência. Essa é uma característica própria do herói medieval, uma vez que “o período conhecido como Reconquista foi propício ao surgimento de histórias e lendas de cavaleiros que, imbuídos de heroísmo, se arriscaram pela causa religiosa nas batalhas contra os invasores muçumanos” (INFANTE, 2014, p. 216). O Cid é, dessa maneira, um homem virtuoso e o “maior e o melhor na batalha” (CINTRA, 1951-1961, v. III, 434 *apud* INFANTE, 2014, p. 216). Essa especificidade contém traços semelhantes nos *romances*, pois o herói também se mostra destemido e audacioso.

Por fim, é necessário salientar que, tanto a personagem presente no *Cantar* quanto a presente nos *romances*, é vítima das circunstâncias que lhe ocorrem. Ou seja, o herói Cid não saiu em busca da grandiosidade para si e sua família; na realidade, estas circunstâncias foram-lhe impostas pela vida, e a partir disso ele teve que sair em busca da reconquista da honra e da restauração de sua dignidade. O que destoa, então, é a maneira como cada personagem encarou as adversidades que se apresentaram em seu caminho.

Enfim, ao considerar a personagem no *Cantar* e no *Romancero*, percebe-se que o Cid apresenta duas faces distintas. Em uma, ele é um herói mais humanizado e subjetivo. Diferentemente, nos *romances*, a personagem é construída sobre a objetividade do herói clássico, e dessa maneira apresenta uma grande quantidade de elementos que estão presentes nas figuras dessa época. Entretanto, a figura sistematizada nos *romances* não representa um modelo que promove o sistema, mas sim um ente ficcional menos preso aos valores anteriores.

Comuns às duas representações, temos valores e princípios que, à sua maneira, influenciaram na vida de ambos, como retidão, honra, lealdade, integridade, entre muitas outras. Nesse ponto, as duas personagens foram construídas com intuito de serem heróis louvados e reconhecidos por muitos séculos depois da escrita propriamente dita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo obras de originadas em momentos históricos bastante distintos, o *Cantar de Mio Cid* e o *Romancero Viejo* apresentam construções da personagem Cid adaptadas ao momento em que surgem. A primeira obra exibirá um protagonista mais humanizado, comum e totalmente construído sobre os ideais religiosos e sociais da Espanha da época. Por outro lado, os *romances* evidenciarão um herói em crise

como a época, e que começará a refletir e agir independentemente, sendo uma antecipação à modernidade que se inicia no século XVII.

Pode-se dizer, dessa maneira, que a Reconquista espanhola foi “pano de fundo do Poema de Mio Cid”, e “legítima as ações guerreiras do herói, que combate em nome de Deus e da Igreja” (INFANTE, 2014, p. 221). Isto é, toda a jornada do herói nas duas obras aconteceu sob a justificativa religiosa de reconquistar o território aos cristãos. É, também, em decorrência da presença imponente da Igreja na época que “quando a ‘Hispania’ se empenhou em disputar suas terras com os mouros, seus heróis foram apresentados como cristãos justos e corajosos, que não desistiram enquanto não alcançaram seu propósito: vencer os infiéis” (ALMEIDA, 2011, p. 7).

Assim, os elementos que aproximam a personagem dos padrões humanos e comuns são necessários para a identificação do público com a causa cristã da Reconquista. Ou seja, Mio Cid no *Cantar* é construído de maneira que, inconscientemente, os princípios da Igreja Católica e o empenho político na Reconquista são exaltados e assegurados pelos cidadãos espanhóis através da heroicidade de um homem que se assemelha ao restante da população do país.

Isso fez com que o herói, em quaisquer das duas construções nas quais foi representado, fosse visto como o defensor da vontade de todo um povo e sociedade, e dessa forma, como a manifestação heroica que exprimia de maneira estrita os valores e as ideologias nacionais da Espanha. Assim, ainda que suas particularidades influenciem na compreensão total da personagem, ambas as representações serão reflexos dos princípios e valores que foram essenciais à formação da identidade castelhana, o que faz do Cid figura especial e particular na história espanhola.

O trecho abaixo trata sobre a importância de Mio Cid para a sociedade e cultura espanholas:

A rigor, na falta do termo antigo herói, a figura dos nobres guerreiros, dos cavaleiros, é utilizada para designar Ulisses, Aquiles e os outros heróis de Homero. Isto porque, na luta com os mouros pelas terras cristãs, eles foram fundamentais como líderes, contagiando os cristãos com o espírito da luta, valentia e honra. De tal modo, esse homem modelo do medievo tem uma ligação fundamental com a nobreza de corpo e alma, e sua grandeza de caráter é medida através do modo como se equilibra seu autocontrole e sua necessidade de poder, sua responsabilidade e seu comportamento audacioso; à semelhança de um fidalgo em tempos de guerra (CURTIUS, 1996, 223). (ALMEIDA, 2011, p. 5)

O excerto ressalta que o herói castelhano e seus cavaleiros foram fundamentais na propagação dos valores cristãos, pois eram os líderes modelos que

lutavam para retomar as terras dos inimigos da nação. A autora ainda afirma que a relação dessa personagem com a nobreza era bastante estrita, uma vez que ela elevará a honra, os valores e a integridade de seu caráter a níveis quase sobre-humanos, tal como demonstrará controle, fé, coragem e todas as demais características que o colocarão num mesmo patamar que um soberano ou um ser divino das epopeias clássicas.

Portanto, “devemos levar em conta que, de acordo com o momento, é forjado um tipo de homem modelo que se adéqua às necessidades do tempo” (ALMEIDA, 2011, p. 7) e da época onde vive. Isto é, pelos “seus feitos e virtudes, Rodrigo Diaz de Vivar converteu-se em modelo de cavaleiro cristão, em herói da Reconquista, e em símbolo de uma Espanha que, em sua época, começava a configurar-se à medida que os muçulmanos eram derrotados” (INFANTE, 2014, p. 222). O Cid não se esqueceu em momento nenhum de seu papel e de seu compromisso para com a sociedade, e foi constituindo-se no “homem modelo na Península Ibérica” (ALMEIDA, 2011, p. 8), que era também um mártir, um soberano, um cavaleiro ideal, um guerreiro essencial e, finalmente, um herói particular, que defendeu seu povo e buscou salvar não só a si, mas todo o seu povo, o que foi “sem sombra de dúvida sua maior glória” (*ibidem*).

Por fim, chega-se a conclusão de que o Cid apresentado nos *romances* é a representação do herói clássico permeada pela crise do fim da época medieval; ou seja, é o herói em seu sentido estrito, possuindo características básicas da personagem homérica, como força, bravura, coragem, impetuosidade, superioridade aos homens normais, porém que apresentará também as dúvidas e a desintegração do homem comum. Este herói não abre espaços para a subjetividade e não participa da vida familiar e cotidiana, sendo exemplo claro daqueles “*hombres de un valor y un merito superiores*” (GARCÍA PEINADO, 1998, p. 72) estabelecidos por Homero.

Além disso, a personagem retratada nos *romances* apontava claramente para o fim da Idade Média espanhola, e apresentava características que seriam específicas do período conhecido como Renascimento. Acredita-se, então, que o Cid dos *romances* personifica o findar de uma época e o nascimento de outra, e isso pode ser comprovado através de aspectos, tais como a fragmentação e individualização do homem, o menor apego a questões de cunho religioso, e até mesmo a busca constante pelos clássicos, que revela a profunda crise com a realidade.

Entretanto, o Cid retratado na épica é a representação humana do herói, que sofre, tem medo e vive a vida familiar. Ele é a figura que contém as especificidades do homem medieval castelhano, temente a Deus e à monarquia e que preza por seu lugar na sociedade. Ele é a representação estrita dos valores nacionais espanhóis.

Para finalizar, acreditamos que as diferenças entre as duas construções heroicas analisadas são consequência da época onde se localiza sua escrita. Assim, quando surgiu, o Cid ainda não era um herói conhecido, e como tal, sua representação não é dotada de arrogância, ou de orgulho exacerbados, pois um de seus desafios foi, justamente, o de personificar um herói que fosse capaz de resumir em sua essência toda a identidade espanhola. Além disso, também se acredita que sua construção na Idade Média tentou aproximá-lo ao máximo do homem comum como uma forma de publicidade do sistema governamental da época.

Diferentemente, nos *romances* a personagem já era consagrada como um dos maiores heróis do mundo ocidental, e, portanto, sua construção podia abusar de itens que o fizessem superior e melhor. Ou seja, entendemos que, conforme sua figura foi fixando sua importância, Mio Cid passou a ser enxergado como um herói aos padrões clássicos, melhor e acima do mundo humano, e, portanto, foi mitificando-se na história da sociedade e da cultura espanholas, ainda que acompanhasse as problemáticas da época.

Concluimos, enfim, que a personagem Mio Cid, além de retratar todo um momento histórico, também representou a sociedade espanhola e sua ideologia, seja através da épica ou dos *romances*. Entretanto, na epopeia, essa exibição de valores e ideais é muito mais explícita, justamente em consequência da corrida pela Reconquista, que era executada com fervor.

NOTAS

¹ Licenciada em Letras – Espanhol pela Universidade Federal de Alfenas – Brasil.

² Doutora pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Simone Ferreira Gomes de. *O Herói Clássico e o Homem Modelo nas Crônicas da Península Ibérica*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300556149_ARQUIVO_TEXTOANPUH2.pdf>. Acesso em setembro de 2014.

ANÔNIMO, *Los siete Infantes de Lara y el Romancero del Cid*. Biblioteca digital de ILCE, s/d. Disponível em <<<http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/fondo2000/vol1/siete-infantes/html/indice.html>>>. Acesso em ago. 2014.

ANÓNIMO. *El cantar de Mio Cid*. Madrid: Edimat Libros, 2008.

ANÓNIMO. *Romancero Viejo*. Barcelona: Ediciones Orbis, 1982.

ANÓNIMO. *Romancero*. Ed. de Manuel Alvar. Barcelona: Editorial Origen, 1982.

CANDIDO, Antonio. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emilio Sales. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

DÍAZ-MAS, Paloma. *Romancero*. Barcelona: Editorial Crítica, 2006.

DÍAZ-PLAJA, Guillermo. *Historia de la literatura española a través de la crítica e de los textos*. Buenos Aires: Ciordia e Rodriguez, 1956.

GARCÍA PEINADO, Miguel A. *Hacia una teoría general de la novela*. Madrid: Arcos Libros, 1998.

GONZÁLEZ, Mário M. *Leituras de Literatura Espanhola (da idade média ao século XVII)*. São Paulo: Letraviva: FAPESP, 2010.

INFANTE, Joyce Rodriguez Ferraz. A construção do herói na Literatura Espanhola. In: NACIMENTO, Antonio R. Esteves Magnólia Brasil Barbosa do et al (Org.). *Hispanismo à brasileira: Homenagem a Mario Miguel González*. São Paulo: Abh, 2014, p. 215-232. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_fPPa-m93xDbW5HVXZzdjFVRVE/edit >. Acesso em: 30 out. 2015.

PIÑERO VALVERDE, María de la Concepción. Terra de fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI – XIII)*. São Paulo: Íbis, 1997, p. 150-184.

RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, Julio. *Romancero*. Madrid: Ediciones Akal, 1992.